

A mulher no Oriente Médio e o Feminismo Islâmico

Woman in the Middle East and Islamic Feminism

Claudia Santos¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar, apenas de maneira introdutória, a condição da mulher no Oriente Médio e o surgimento do movimento feminista islâmico, a partir da compreensão de um fator comum para o entendimento das relações sociais e de gênero na cultura árabe, que é a religião. A abordagem deste artigo visa contribuir para os estudos sobre a mulher nas Relações Internacionais, feminismo não ocidental e Oriente Médio.

Palavras-Chave: Mulher; Oriente Médio; Religião, Feminismo Islâmico.

Abstract

This article aims to present an introduction on the status of women in the Middle East and the rise of the Islamic feminist movement, from the perspective of a common factor for the understanding of social and gender relations in Arab culture that is religion. The approach of this paper is to contribute to the studies about women in International Relations, non-Western feminism and the Middle East.

Key-words: Women; Middle East; Religion, Islamic Feminism.

Introdução

A compreensão de religião nas Ciências Sociais é de que “as práticas religiosas, as expressões de fé, as representações simbólicas e os discursos são reveladores de relações sociais” (NUNES apud HIRATA, 2009, p. 213). Desse modo, ao se propor estudar o Oriente Médio parece ser indispensável a complementaridade do estudo da religião, visto a sua relação direta sobre as relações sociais e de gênero por meio dos costumes e tradições.

Assim como parece haver uma marginalidade dos estudos sobre a mulher nas Relações Internacionais, parece também que o estudo acerca do feminismo não Ocidental é pouco conhecido das feministas ocidentais. Composto por dinâmicas próprias, o feminismo islâmico está presente no Oriente Médio mesmo que de

¹ Graduada em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Internacional - UNINTER e graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba-PR, Brasil.

maneira incipiente, mas já composto por grandes nomes de notoriedade internacional acerca do assunto.

O papel da mulher no contexto religioso islâmico: uma breve reflexão

Para Tariq Ali (2002), o destino da mulher no Islã é pré-fabricado, pois a realidade é baseada no Corão, sendo que Stearns (2007) expressa que o Corão, entre outros estudos, preconiza alguns princípios vitais referentes às relações de gênero no Oriente Médio. Do ponto de vista espiritual do Corão, os homens e as mulheres seriam iguais, pois ambos poderiam ir para o céu. Do ponto de vista material, as mulheres poderiam possuir propriedades e se divorciar.

Mas mesmo possuindo alguns direitos, o Islã possui uma base patriarcal muito forte, como expresso pelo Corão na seguinte passagem: “Os homens têm autoridade sobre as mulheres devido ao que concedeu a eles e não a elas” (STEANRS, 2007, p. 75). Sendo assim, as posições de autoridade eram vistas como inadequadas às mulheres, ao passo que também era permitido aos homens o uso da violência.

Para Steans (2007), “os escritos islâmicos que exigiam que os homens fossem amáveis com as mulheres, evitando abusos” (STEARNS, 2007, p. 75) serviam apenas para amortecer as desigualdades existentes. Quanto às questões de desigualdade de gênero no mundo mulçumano, Amina Wadud, feminista islâmica, ressalta que

podemos e devemos contestar as leituras do Corão contra as mulheres dado que essas leituras também corroem o nosso conceito de um Deus justo não criado, e por essa razão, nem masculino, nem feminino, e por isso, também, acima da parcialidade sexual (MARQUES, 2010, p. 3).

O século XX, por meio da mídia, notadamente a televisão e o cinema e das viagens, permitiu contatos culturais diversificados que possibilitou que mais pessoas conhecessem “os padrões de gênero de outras sociedades – e com frequência, de sociedades muito distantes” (STEARNS, 2007, p. 186). Mas o Oriente Médio, para que a “cultura” do Islã fosse preservada, buscou se afastar do velho colonialismo e do *noveau* capitalismo, sendo que isso pressupunha estatutos rígidos.

Para Aline de Oliveira Alencar (2014), isso se caracterizou como um ponto negativo relativo à questão da mulher no Oriente, já que a partir da década de 70, no mundo islâmico, houve um reavivamento dos princípios baseados no Islã em sua defesa e contra “valores ocidentais, como individualismo, consumismo, autonomia feminina, liberdade sexual e relativismo moral” (ALENCAR, 2014). Sendo assim, o mundo islâmico mostra-se avesso a modernidade e as atuais mudanças no cenário internacional, como forma de reforçar suas identidades nacionais e suas respectivas tradições.

Com relação à religião e à questão de gênero no Oriente, Daniel Greenfield (2011) traz um relato sobre a cultura islâmica no seguinte trecho:

O Islã não considera o estupro como um crime contra a mulher. É um crime contra os pais e os maridos. Não há crime se um marido estuprar sua própria esposa. Essa é uma regra que os eruditos muçulmanos continuam a pregar nos dias de hoje. E um canal de TV islâmico do Reino Unido foi censurado por transmitir essa visão (GREENFIELD, 2011).

Referente à sexualidade, na tradição árabe mulçumana esse assunto é visto como um tabu. Segundo Kevorkian (1993), apesar da mulher árabe ter começado a participar mais da força de trabalho, na política e na educação, ainda há um longo caminho a percorrer. A mulher no mundo árabe é tratada como uma segunda classe de cidadãos, pois não há direitos iguais entre homens e mulheres.

A lei islâmica diferencia os direitos das mulheres dos direitos dos homens, no sentido de que a mulher é vista como dominada pela sua sexualidade e deve ser protegida e controlada pelo homem, que é mais poderoso mentalmente, fisicamente e socialmente do que a mulher. A mulher árabe é proibida de aprender sobre a sua sexualidade, a única coisa que ela deve saber é que se ela falhar na sua obrigação como esposa ela será culpada. Caso a mulher árabe não se comporte conforme os preceitos da sua cultura, ela causará a desonra do nome da família ou até mesmo provocar a sua morte.

Uma crítica ao estudo sobre a mulher e o Islã feita pelo Ocidente, apontada por Hajjami (2008), é de que o estudo é permeado por “uma representação constituída por estereótipos, esquematizações reducionistas e por confusões conceituais”. Sendo que

a condição de inferioridade e precariedade a que está confinada a maior parte das mulheres muçulmanas, revela principalmente a hegemonia de

uma mentalidade e de um sistema patriarcal que instrumentaliza sua leitura da religião para legitimar as situações de dominação, de violência e de exclusão em relação às mulheres (HAJJAMI, 2008).

No Islã, o homem controla o espaço social por meio do discurso islâmico. Para Ibn Rushd, filósofo que apresenta os defeitos estruturais do islamismo, “quinhentos anos de segregação tinha reduzido o *status* das mulheres ao dos vegetais” (ALI, 2002, p. 97).

O movimento feminista islâmico

Segundo Tariq Ali (2002), no começo dos movimentos em favor dos Direitos das Mulheres no Oriente Médio, os pedidos eram desiguais, já que “exigiam direitos políticos iguais sem desafiar os códigos religiosos que governam as leis familiares” (ALI, 2002, p. 98).

É quando surge, então, o debate sobre o feminismo islâmico no Oriente Médio. As principais representantes do movimento feminista islâmico são Fátima Mernissi, Lila Abu-Lughod, Amina Wadud, Asma Barlas e Leila Ahmed. O objetivo destas autoras é discutir “a liberdade feminina, trazendo uma releitura dos textos sagrados sob a perspectiva feminina” (MARQUES, 2010, p. 1).

A primeira conferência sobre o Feminismo Islâmico aconteceu em Barcelona, em Outubro de 2005, organizada pela *Junta Islámica Catalana*, na qual se reafirmou o direito ao livre acesso das mulheres muçulmanas à mesquita.

O discurso feminista islâmico tem como base a

igualdad de género y justicia social que surge de la comprensión del mandato coránico. Su principal objetivo es poner en práctica los derechos y la justicia para todos los seres humanos, en la totalidad de su existencia, a través del continuo público-privado² (BADRAN, 2008. p. 106 apud MARQUES, 2010, p. 4).

Desse modo, o Feminismo Islâmico assumiu a tarefa de erradicar ideias e práticas patriarcais endossadas como islâmicas - por terem sido naturalizadas e perpetuadas - e de recuperar a ideia central do Islã de igualdade de gênero (indivisível de igualdade humana). Os “inimigos” do Feminismo Islâmico, como apresenta Badran (2006), são dois: 1) Os de dentro - que se refere aos homens que

² Tradução livre: igualdade de gênero e justiça social decorrentes da compreensão do mandato do Alcorão. Seu principal objetivo é implementar os direitos e a justiça para todos os seres humanos em toda a sua existência, através do contínuo público-privado.

temem a perda de privilégios e mulheres que temem a perda de proteção patriarcal e 2) Os de fora – aqueles que entendem o Islã como uma política anti-mulheres.

As vertentes do feminismo árabe estão entre

um “jihad de gênero” (sendo este um ativismo religioso, cujas reivindicações parecem sobrepor o Islã aos direitos das mulheres) e, de outro, os defensores dos direitos humanos internacionais (um ativismo político que atua no sentido de aplicar ao Islã os direitos das mulheres, vistos como supraculturais) (LIMA, 2013, p. 2).

Em uma entrevista com Asma Lamrabet³ (2013) sobre a mulher e o Islã, ela diz que o Feminismo Islâmico é um dos tipos de feminismo, pois o feminismo tem várias vertentes e enfoques, mas que possuem sim princípios universais, como a luta pela emancipação da mulher, pela dignidade e pela igualdade. Para Asma Lamrabet, o que o Feminismo Islâmico reivindica é a luta contra as instituições religiosas que se apoderaram da mensagem espiritual que é ensinada pelo Islã, a partir de uma leitura patriarcal. O feminismo árabe existente hoje é a continuação do feminismo nacionalista árabe, no qual as mulheres se juntaram aos homens na luta contra a descolonização.

Em outro texto de Lamrabet (2010), a autora diz que a problemática da mulher árabe com relação à religião e ao patriarcalismo não pode ser motivo para que se tomem os valores ocidentais como os válidos e nem como os únicos para se alcançar a emancipação feminina. A autora ressalta que a mulher mulçumana deve se apropriar da modernidade do seu modo, dentro da sua diversidade e não seguir padrões estrangeiros que não condizem com a sua realidade. O que ela propõe é que se preste maior atenção às dinâmicas internas para que possam defender princípios éticos mais específicos da cultura, ao mesmo tempo em que se reafirmam princípios universais de igualdade.

Quanto ao debate feminista acerca do islamismo, há as que sustentam que:

Os padrões ocidentais de libertação feminina, exigem que o islamismo mude, enquanto outras afirmam que a doutrina tradicional protege de forma adequada os direitos das mulheres. É uma questão de ênfase em algumas mensagens em detrimento de outras (STEANRS, 2007, p. 75).

³ Feminista Árabe Mulçumana. Entrevista disponível em <<http://mediorienteactual.blogspot.com.br/2013/04/entrevista-asma-lamrabet-mujer-e-islam.html>> Acesso em: 17 de nov. de 2013.

Kandawati (1991 apud JAD, 2010, p. 5) descreve que, quanto à construção de gênero e as relações de gênero no Oriente Médio, os nacionalistas de natureza secular só adotariam a ideia de mudança da posição da mulher se ela servisse ao interesse nacionalista. Para esses, a “mulher contemporânea” é vista como detentora de emoções apaixonadas e como *“the sister of men”*, enquanto o modelo de mulher ideal pura não é contaminado pelos valores nacionalistas.

Para Isla Jad (2010), o “Feminismo Islâmico” serve para ajudar na consolidação dos direitos das mulheres, desafiando as leis religiosas e o paternalismo. Sendo que um problema acerca do feminismo islâmico é

at the same time that the Islamic movement offers woman strategic opportunities, within the limitations of class, it also offers contradictory and conflicting expectations which support both feminist activities and paternalista at the same time⁴ (WHITE, 2002 apud JAD, 2010, p. 8).

Partindo da concepção de que o Feminismo Islâmico é um movimento que buscar criar um espaço compartilhado entre homens e mulheres de maneira igualitária, Lima (2013) acredita que o evento da Primavera Árabe foi um fenômeno positivo para a expansão do pensamento feminista árabe.

Em decorrência do estudo da mulher no Oriente Médio e no Islã, bem como do Feminismo Islâmico, aponta-se a necessidade de compreender o fundamentalismo como uma ameaça aos Direitos Humanos da mulher no Oriente Médio, já que denota a preocupação da fusão da religião com as funções do Estado, e visto que o Estado é um dos principais reprodutores dos papéis sociais. A crítica não é quanto à religião como crença pessoal, mas como descrito por Tarducci (1992, p. 143), à formulação de políticas em nome da religião.

Considerações finais

Ao que parece, nos países mais pobres a injustiça pela cultura dá-se em grande parte por tradições culturais locais, mas essa afirmação não é autoexplicativa sem antes analisar questões como a geopolítica e a geoeconomia. Os adventos da globalização e do neoliberalismo aumentaram de forma evidente a desigualdade entre os países centrais e periféricos no contexto interno de cada

⁴ Tradução livre: ao mesmo tempo que o movimento islâmico oferece para a mulher oportunidades estratégicas dentro das limitações de classe, ele também oferece expectativas contraditórias e conflitantes que suportam ambas as atividades, feministas e paternalistas, ao mesmo tempo.

país, principalmente dos subdesenvolvidos e em desenvolvimento. A quantidade de mulheres pobres no mundo chega a 70%, sendo o principal meio de sustento dessas mulheres a agricultura⁵. Com a diminuição desse tipo de economia, a mulher se sujeita a viver marginalmente nas favelas e se satisfazer com trabalhos informais que geram pouca renda. Mas esta pobreza não se deve apenas à questão da globalização neoliberal, mas aos aspectos macro e micro, local e global.

Tanto Susan Okin quanto Martha Nussbawn, que são citadas no texto de Jaggar (2006), tiveram seus trabalhos como incentivo à filosofia Ocidental, que buscava entender a opressão que as mulheres não ocidentais sofriam por conta de suas respectivas culturas tradicionais locais. Para ambas, as condições injustas de pobreza das mulheres não ocidentais dificultam a possibilidade de uma busca por autonomia e, além disso, na realidade tornam as mulheres ainda mais vulneráveis aos abusos e à violência.

Para o debate filosófico, a questão do multiculturalismo distingue as mulheres entre as “liberais” e as “não liberais”, ou seja, entre uma cultura ocidental, pressupostamente mais avançada e uma cultura não ocidental. Uma posição colonialista sobre as culturas mostra que a cultura ocidental é vista como dinâmica e progressista, ao passo que as não ocidentais são vistas como retrógradas e patriarcais. Jaggar (2006) salienta que a tese de que o Ocidente é o melhor para as mulheres não é algo estritamente verdadeiro. Isto ocorre por conta da concepção de que as culturas de cunho liberal prezam mais pela proteção das liberdades civis e políticas do que as culturas que não são liberais, mas isso só é possível quando o contexto de direitos sociais e econômicos de “segunda geração” permite exercer os Direitos Humanos referentes aos da “primeira geração”.

Referências bibliográficas

ALENCAR, Aline de Oliveira. **Reavivamento islâmico e dinâmicas socioeconômicas no Mundo Árabe.** Mundorama. 2014.

ALI, Tariq. **As mulheres e o eterno masculino.** In. Confronto de fundamentalismos: cruzadas, jihads e modernidade. Rio de Janeiro: Record, 2002. 479 p.

⁵ Disponível em:
<http://www.revistaforum.com.br/blog/2012/02/relatorio_mostra_que_70_dos_pobres_do_plane_ta_sao_mulheres/>. Acesso em: 06 de maio de 14.

GREENFIELD, Daniel. **A cultura muçulmana do estupro.** Mídia sem máscara. 2011.

HAJJAMI, Aïcha. **A condição das mulheres no Islã:** a questão da igualdade. Cad. Pagu [online]. 2008, n.30, pp. 107-120.

HIRATA, Helena. **Dicionário crítico do feminismo** / Helena Hirata... [et al.] (orgs). – São Paulo: Editora UNESP, 2009. 342p.Tradução de: Dictionnaire critique du féminisme, 2e. éd.augm.

JAD, Islah. **Feminism between secularism and islamism:** the case of Palestine (West bank and Gaza). Conflicts fórum. 2010.

JAGGAR, Alison M. **Salvando Amina:** Justiça global para mulheres e diálogo intercultural". In: MINELLA, Luzinete Simões; FUNCK, Susana Borneo (orgs.). Saberes e fazeres de gênero. Florianópolis: Ed. da UFSC. 2006.

KEVORKIAN, Nadira Shalhoub. **Fear of Sexual Harassment:** Palestinian Adolescent Girls in the Intifada. In: Ebba Augustin, ed., Palestinian Women: Identity and Experience. London: Zed Books, 1993.

LAMRABET. Asma. **La problemática de la mujer musulmana dentro del dialogo de culturas.** Universidade de Liverpool. 2010.

LIMA. Cila. **Feminismo islâmico:** uma proposta em construção. Fazendo Gênero 10. 2013.

MARQUES, Vera Lúcia Maia. **Mulheres e Muçulmanas.** Fazendo Gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 2010.

STEARNS, Peter N. **História das Relações de Gênero.** Rio de Janeiro: Contexto, 2007.

TARDUCCI, Mónica. **“O senhor nos libertou”:** gênero, família e fundamentalismo. Biblioteca digital - UNICAMP. 1992.